

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

A INSERÇÃO DA PSICANÁLISE NO ÂMBITO DA SAÚDE COLETIVA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS. ¹

THE INSERTION OF PSYCHOANALYSIS IN THE FIELD OF COLLECTIVE HEALTH: POSSIBILITIES AND CHALLENGES.

Giovana Smolski Driemeier², Juliana Zago³, Simoni Antunes Fernandes⁴

¹ Trabalho oriundo do Grupo de Estudos Interdisciplinar em Saúde Coletiva.

² Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ e bolsista PIBIC/UNIJUI

³ Aluna do curso de Psicologia da UNIJUÍ.

⁴ Mestre em educação nas ciências e professora do curso de Psicologia da UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

No campo da saúde, existiram evoluções nos paradigmas de atenção, inicialmente com uma concepção sanitarista, a qual evidenciava em primazia as questões sanitárias e epidemiológicas. Na sequência tem-se o modelo biomédico, onde vê-se o corpo de maneira mecânica e então a doença é tratada visando o restabelecimento da ordem natural do corpo; a saúde, nesse caso é a ausência de doenças. Por fim, tem-se o modelo biopsicossocial, como proposta de uma visão holística do sujeito, considerando-o em sua integridade biológica, psicológica e social.

Arelado ao último modelo de atenção à saúde, a OMS (2006, p.1, tradução nossa) define saúde como “um estado de completo bem estar físico, mental e social, não consistindo apenas na ausência de doenças ou enfermidades.” No entanto, tal conceito também é alvo de críticas, considerando a dificuldade do alinhamento total dessas três esferas em um indivíduo. Para isso, existe a proposta de trabalho multidisciplinar, visando a promoção da saúde.

Nessa inserção multidisciplinar, a psicologia se faz presente. Incorporado a esta, existem inúmeras abordagens teóricas, sendo a psicanálise uma delas. Essa linha que era considerada fadada aos consultórios fechados e as classes mais abastadas da sociedade (PRADO, 2016) vem se pondo cada vez mais presente nas práticas da saúde coletiva.

Levando em conta tais conceitos que abrangem a saúde, o presente trabalho tem como objetivos demonstrar como a teoria psicanalítica na forma de seu trabalho pode trazer contribuições ao Sistema Único de Saúde e quais os desafios que o trabalho desta inserção teórica se depara ao adentrar neste local.

METODOLOGIA

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

O presente artigo é calcado em uma revisão bibliográfica, utilizando-se de artigos, livros e sites da web. Tem origem em uma demanda do grupo de estudos em saúde coletiva, onde tal elaboração seria fruto das discussões e elaborações do grupo, cumprindo um dos objetivos que o mesmo propõe, que trata do registro escrito apoiado nas discussões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A saúde coletiva trata-se de um campo de conhecimentos, com natureza interdisciplinar e que busca trabalhar com a epidemiologia social, desigualdades em saúde e planejamento da ação (OSMO; SCHRAIBER, 2014). Nessa modalidade, o papel de agente é de vários, isto é, inúmeros profissionais e de distintas áreas trabalham juntos, de modo a buscar promover a saúde do cidadão. Os saberes considerados incluem desde os saberes do senso comum, aos mais requintados da ciência (SOUZA, 2015).

Nesse campo de saber, as ciências humanas ocupam um papel importante (OSMO; SCHRAIBER, 2014). Trata-se da desconstrução do saber único do médico, prezando que a saúde é muito mais ampla do que somente a medicina. Assim, passam-se a ser inseridas características subjetivas a esse corpo orgânico.

A psicologia, por sua vez, pode vir a trabalhar principalmente dentro do nível primário mas também nos outros níveis de atenção à saúde, buscando a promoção desta. Contribui, nesse sentido, para a amargem das questões subjetivas do sujeito, considerando que o adoecer do corpo acaba por abalar o psiquismo, bem como este último pode provocar a irrupção de patologias orgânicas. Sobre tal, o conceito de inconsciente é crucial.

Esse conceito adveio da escuta de Sigmund Freud de pacientes histéricas as quais detinham enfermidades corporais. No entanto, essas moléstias não eram de etiologias orgânicas e sim de ordem psíquica. Freud, (1885 [1883]) pode, com isso, reconhecer a noção de inconsciente e a relação deste com o sofrimento orgânico.

É calcada em tal ideia que a psicanálise trabalha no âmbito da saúde coletiva. Entendendo o sujeito como um ser complexo, constituído na relação com um Outro da sua espécie (LACAN, 1968-69), dotado de pulsões, desejos (FREUD, 1915), e considerando a presença do inconsciente, da realidade psíquica e a constituição singular de cada sujeito.

Isso marca a disparidade da medicina e da psicanálise, onde a primeira é voltada ao organismo

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

humano e a segunda as singularidades subjetivas (PRADO, 2016). Para entender das singularidades do sujeito, o psicanalista lança mão da sua escuta, usando da técnica da associação livre. A escuta, é usada como ferramenta para atenuar o sofrimento humano.

Essa proposta de trabalho visa que ao falar sobre suas questões, sem o compromisso de estabelecer lógica e coerência acerca do que se fala, o indivíduo consiga fazer advir os seus materiais inconscientes, ao despontarem estes, por sua vez, é possível que se apresentem novos rumos e novos significados a história de vida do paciente. Para que tal fato se apresente, o paciente precisa recordar do material recalçado, repeti-lo em seus atos e por fim elabora-lo, de modo que seja possível colocar a palavra ali onde antes encontrava-se um sintoma a nível corporal ou de comportamento, abrindo a possibilidade de novas formas de viver (FREUD, 1914).

Ao longo de muitos anos a imagem da psicanálise estava atrelada a um trabalho que só acontecia dentro do consultório fechado. Segundo Roudinesco (2000), este modelo padrão de tratamento, ligado a uma imagem mítica de poltrona ou divã, só dava possibilidade aos privilegiados terem acesso a psicanálise. Entretanto, Freud (1919 [1918]) já alertava que o sujeito pertencente a população de baixa renda também deveria ter direito ao tratamento no que diz respeito a sua subjetividade, assim o como o tem para uma cirurgia, pois afirmava que as neuroses ameaçavam a saúde pública, tanto quanto a tuberculose a afetava na época. Assim, já previa a necessidade da psicologia na saúde pública.

Alguns estudos destacam que um dos desafios que o profissional da psicologia encontra ao fazer um trabalho fora da clínica é de que não são preparados para tal durante sua formação. Isto remete-nos a pensar em uma necessidade que se tem de reformular a formação dos profissionais a fim de que se proporcione ferramentas para se trabalhar com maior qualidade neste contexto (RONZANI; RODRIGUES, 2006).

Segundo Celes (2010 apud PRADO 2016) em vários cenários em que a psicanálise é incorporada, são englobadas situações de trabalho multidisciplinar. Logo, se faz necessária a ampliação da comunicação da psicanálise com as demais áreas que cuidam da saúde. Contudo, essa ampliação não deve se deter somente ao período profissional, e sim deve-se pensar em dialogar com estas diferentes áreas durante o percurso da formação profissional, principalmente quando falamos da psicanálise, considerando ser uma dificuldade da área devido ao seu histórico de trabalho individual. É possível perceber que essa questão vem se ampliando e sendo cada vez mais trabalhada nas universidades, a fim de atrelar atividades do saber psicanalítico com as demais áreas de saberes, ou seja, é uma

Evento: XXI Jornada de Extensão

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

dificuldade que já caminha para a superação.

Outro ponto relevante para se observar são as formas que a psicanálise consegue entrar no campo da Saúde Pública, pois a sua entrada depende dos profissionais que estão vinculadas a ela. Ou seja, como afirma Prado (2016), a função do psicanalista não é formalizada, pelo fato de que à medida que profissionais que utilizam esta visão teórica para seu trabalho começam a fazer parte desta esfera, de modo informal, atrelada a ciência maior, psicologia, mesmo havendo um vasto campo de atuação para a psicanálise.

Nesse sentido, percebe-se que essa ciência tem muito a contribuir a população dentro da saúde coletiva. Mas para tal, alguns paradigmas precisam ser superados, como o trabalho multidisciplinar e a questão da inserção com as outras equipes.

CONCLUSÃO

Levando-se em conta o referencial teórico apresentado denota-se que o psicanalista no campo da saúde pública, se depara com as mais diferentes realidades, modos de viver e de sofrer, e para isso, o profissional oferece a escuta. Esta escuta, portanto, dentro dos trabalhos desempenhados na Saúde Pública geralmente não são feitos dentro de um consultório fechado e individual. Paradigma a que encontrava-se atrelada e precisa ser superado.

Importante ressaltar que não é possível compreender um trabalho que enfatize apenas no sujeito sem considerar seu cenário histórico, social e cultural. Por tal, é fundamental que se conheça os contextos do sujeito e as características de seus laços sociais, seja em trabalhos no campo da psicanálise, seja em trabalhos multidisciplinares. Com tais implicações, é necessária a inserção de maneira formalizada dessa área da psicologia que tem muito a contribuir.

Palavras chave: Saúde; psicanálise; escuta.

Key words: Cheers; psychoanalysis; listening.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1995 [1993]). In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 13-320. v.2.

_____. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919 [1918]). In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 171 – 181.

Evento: XXI Jornada de Extensão
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

v.17.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Cap. 4, p. 116-144. v. 14.

_____. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 161-171. v. 12.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro** (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2008.

SAÚDE, Organização Mundial da. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Documentos básicos, suplemento da 45ª edição, outubro de 2006. Disponível em espanhol em: https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

OSMO, Alan; SCHRAIBER, Lilia Blima. O campo da Saúde Coletiva no Brasil: definições e debates em sua constituição. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 205-218, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000500205&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 Mai. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902015s01018>.

PRADO, Juliana Falchete Martins. **O psicanalista na saúde pública: uma prática do trabalho em equipe**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-20092016-172428/pt-br.php>. Acesso em: 09 mai. 2020. Doi:10.11606/D.47.2016.tde-20092016-172428.

RONZANI, Telmo Mota; RODRIGUES, Marisa Cosenza. O psicólogo na atenção primária à saúde: contribuições, desafios e redirecionamentos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 132-143, mar. 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2020.

ROUDINESCO, Élisabeth. **Porque a Psicanálise?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2000.

SOUZA, Luis Eugenio de. Saiba a diferença entre saúde coletiva e saúde pública. **Ascom UFG**, 21 jul. 2015. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/82100-saiba-a-diferenca-entre-saude-coletiva-e-saude-publica>. Acesso em: 08 mai. 2020.

Parecer CEUA: 3.104.922/2019